

Como recolocar a “locomotiva” nos trilhos?



Romeu Afonso de Souza Kiihl*

A primeira notícia da soja no Brasil data de 1882, quando, segundo Gustavo D’Utra, professor da Escola Agrícola da Bahia, um sitiante baiano semeou as primeiras sementes da planta, cuja origem não se sabe ao certo. Em seguida, a soja rumou para o Sul do país, passando por São Paulo, onde foi plantada em 1892 na Estação Agronômica de Campinas (hoje IAC). Mas foi no Rio Grande do Sul que ela realmente se estabeleceu pela primeira vez como uma cultura economicamente viável e incentivada, no final da década de 50, como sucessora das lavouras de trigo. Estava desencadeado o processo que, em conjunto com outros

fatores, resultou no crescimento da cultura no país.

De 1882 até hoje, a cultura da soja foi reinventada. Da Bahia foi para o Rio Grande do Sul, onde se iniciou como espécie forrageira. Transformou-se em oleaginosa, e é hoje valorizada, sobretudo pelo teor e qualidade protéica de seu farelo, além do óleo. O melhoramento genético permitiu que se adaptasse às baixas latitudes, conquistando a região dos cerrados, inclusive o cerrado baiano, para onde voltou depois de quase um século, viabilizando municípios como Barreiras e Luiz Eduardo Magalhães. Esse efeito é ainda mais marcante nos cerrados

do Mato Grosso, onde a soja prosperou, passando a ocupar quase 30 % da produção nacional. A reboque da soja, como alternativa de rotação ou mesmo de sucessão, vieram outras culturas, como o algodão, no Mato Grosso, onde se produz 60 % do algodão brasileiro.

A soja é a base do agronegócio no Brasil. Como consta: 50 % das vendas de agroquímicos no país são feitas para a cultura; o Brasil ocupa atualmente o segundo lugar em produção mundial, e as previsões de crescimento sugerem que alcançaremos a primeira posição até 2012. As exportações do “complexo soja” geraram, em 2004, uma receita de apro-

*Escoamento de soja;
Cornélio Procópio,
PR, 2005*



ximadamente 10 bilhões de dólares, correspondente a algo próximo de 10 % do total das exportações brasileiras. Nos anos de 1976 e 1977, chegaram a representar quase 18 % das nossas exportações. Nos últimos 30 anos, a cultura avançou a agricultura de vários Estados. Portanto, pode-se dizer que, pelo seu histórico ou pelo que representa hoje, a soja é a grande “locomotiva” da agricultura brasileira.

Essa trajetória de sucesso se deve, em primeiro lugar, às características intrínsecas da espécie. Afinal, não é a toda hora que nos deparamos com uma planta com a plasticidade da soja, ou seja, com a capacidade de se adaptar às diferentes condições ambientais de um país como o nosso, produzindo grãos com 40 % de proteína e, “de quebra”, 20 % de óleo. Em segundo lugar, mas não menos importante, deve-se ao excelente trabalho dos pesquisadores no Brasil, cujo trabalho resultou em uma realidade, a meu ver, impressionante. Conseguimos, em pouco tempo, conjugar conquistas que viabilizaram lavouras das quais já nos lembramos com certo saudosismo, e que perseguimos nas pesquisas como nossas “utopias”.

Mas quais foram essas conquistas? Aqui vão alguns exemplos. Possibilitamos o cultivo da espécie, originária de países de clima temperado, até mesmo nas baixas latitudes de um país tropical como o Brasil. Aliamos excelente potencial genético produtivo à planta e, não raro, temos obtido linhagens com produtividades médias, em ensaios, de até 6.000 kg/ha. Tal potencial tem se refletido no campo, onde, freqüentemente, observamos lavouras com produtividades médias acima de 4.200 kg/ha. A média nacional de produtividade da soja já é igual à americana. Estados como o Mato Grosso têm médias superiores às do melhor Estado americano. Solucionamos os principais problemas de doenças da cultura, como por exemplo: pústula bacteriana e fogo selvagem, na década de 60; mancha olho-de-rã, na década de 70; cancro da haste, no

final da década de 90; nematóide do cisto, em meados da década de 90.

Mais ainda: desenvolvemos o cultivo sob plantio direto, uma contribuição fantástica do ponto de vista econômico e, sobretudo, ambiental. Uma alternativa de controle biológico para o principal inseto-praga da cultura, a lagarta-da-soja (*Anticarsia gemmatalis*), foi desenvolvida com sucesso na década de 80 e é, até hoje, um dos melhores exemplos do emprego de controle biológico na agricultura. Essas conquistas permitiram ao cultivo da soja um mínimo de aplicação de produtos químicos. Muitas lavouras nem chegavam a utilizá-los. Fungicidas eram raramente aplicados e inseticidas complementavam o controle biológico.

Mas a realidade aponta agora para o aumento crescente no consumo de produtos químicos na cultura, verificado nos últimos cinco anos. Freqüentemente, deparo com a cultura em áreas impróprias ou de alto risco, como em solos compactados ou excessivamente arenosos. Situações de manejo impróprias à cultura igualmente são muito comuns. Por exemplo, os famosos “panos de batida”, muito usados no passado para manejo de insetos-pragas, são difíceis de ser encontrados. Sinto, às vezes, que a “locomotiva” está querendo “sair dos trilhos”. É compreensível que a expansão da cultura e a dinâmica dos sistemas biológicos gerem novos problemas. Mas estamos vivendo um momento propício para repensar a cultura, especialmente porque a rentabilidade está erodida pelos altos custos de produção e pelos baixos preços internos, em consequência do câmbio desfavorável. Precisamos continuar “reinventando” a cultura da soja e corrigindo distorções do passado.

A pesquisa deve ser a base das mudanças. O melhoramento genético terá que dar sua contribuição, com inovações que possibilitem não só o aumento contínuo do potencial produtivo, mas também redução de gastos, especialmente no que tange à resistência ou

tolerância a doenças. Agregar resistência e/ou tolerância genética a muitas doenças fúngicas, especialmente à ferrugem asiática, deverá ser prioritário para reverter o acelerado consumo de fungicidas e garantir a sustentabilidade da cultura. Para isso, a integração entre melhoramento genético, fitopatologia, entomologia, fitotecnia e indústria química será essencial, determinando a melhor forma de manejo para resistência ou tolerância a doenças fúngicas e insetos-pragas.

A expansão da cultura, freqüentemente taxada como uma das vilãs no desmatamento da floresta amazônica, deverá ser melhor normatizada. Não por parâmetros aleatórios ou ideológicos (até hoje não entendo de onde saíram os números “cabalísticos” de percentuais de reserva florestal no Brasil), mas por dados da pesquisa. Os produtores necessitam mudar o foco do negócio, do ganho de escala de produção para ganhos de produtividade e rentabilidade. Mecanismos que beneficiem os mais eficientes devem ser pensados e implementados, como formas de incentivo ao foco na produtividade e na rentabilidade. Ganhos de escala devem ser perseguidos, principalmente por meio de sistemas de integração lavoura/pecuária — aqui, vejo uma excelente oportunidade para impactar de maneira substancial as produções de soja e de carne.

A tecnologia das plantas transgênicas é mais uma ferramenta que poderá nos auxiliar muito no processo de “reinvenção” da cultura, especialmente em áreas nas quais o melhoramento genético convencional vem trabalhando, há tempos, sem sucesso prático ou comercial, como, por exemplo na resistência a insetos e na tolerância à seca. Essa tecnologia já nos deu recentemente mais uma ferramenta — (e, novamente, a soja foi pioneira!) — de manejo das ervas-daninhas na cultura. Precisamos usá-la adequadamente nesse processo. As oportunidades de “reinventar” a cultura vêm também de pesquisas que visam outros

usos para o grão de soja. Por exemplo, o desenvolvimento de novos alimentos à base de soja tem ajudado a incrementar o mercado para a alimentação humana, que cresce a uma taxa de 10 % ao ano. O novo mercado de energia, que se abre com a regulamentação do biodiesel traz perspectivas enormes. Ainda que a soja tenha grandes competidores nesse mercado, como a cana-de-açúcar, é sempre bom lembrar que o mercado potencial é muito grande e que o óleo de soja pode ser um subproduto da cultura, em razão da crescente demanda pelo farelo.

O produtor deve fazer sua parte, auxiliado pela assistência técnica. Pode melhorar a gestão de seus negócios, capa-

citando-se a incorporar não somente conceitos de gestão financeira, mas também de gestão de risco, social e ambiental. As gestões financeira e de risco irão ajudá-lo a atravessar momentos de crise, inevitáveis em uma economia de mercado globalizada. As gestões social e ambiental irão ajudá-lo a crescer como pessoa e cidadão e poderão representar no futuro até mesmo a eliminação de barreiras comerciais. O episódio da suspensão de importações de soja pela China, em 2005, foi uma amostra do que pode ocorrer. As oportunidades estão aí, e a caminhada à frente demanda engajamento de todos os setores da cadeia produtiva: produtores, pesquisadores,

fornecedores de insumos, assistência técnica, processadores etc. Há cerca de três anos, me aposentei, mas resolvi que iria trabalhar por mais 20 anos. Parte dessa motivação veio do desafio de desenvolver um germoplasma mais tolerante a doenças, especialmente pelo aparecimento da ferrugem asiática no Brasil. Convido todos a encontrarem suas motivações e a continuarmos "reinventando" a cultura da soja, para colocarmos essa "locomotiva" novamente de volta aos trilhos.

** Romeu Afonso de Souza Kiihl é diretor científico da Tropical Melhoramento e Genética Ltda. (TMG). (romeu@tmg.agr.br).*

REVISTA 60 anos contribuindo para o avanço das ciências agrárias

SCIENTIA AGRICOLA

Indexada pela mais conceituada base de dados científicos internacional, a ISI/Current Contents

ASSINATURA

Assinatura anual: R\$ 80,00

Exemplar avulso: R\$ 30,00

PERIODICIDADE

Seis números por ano.

CUSTO PARA PUBLICAÇÃO

Se o 1º autor ou o autor correspondente for assinante:

- R\$ 15,00 por página impressa no formato final, até 6 páginas.
- R\$ 50,00 por página adicional.

Se o 1º autor e/ou autor correspondente não for assinante:

- R\$ 30,00 por página impressa no formato final, até 6 páginas.
- R\$ 100,00 por página adicional.

COMO ASSINAR

1. Depósito em conta bancária:

Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

- Banespa (033) | Agência 0041 | Conta 13.50077-2 ou
- Banco do Brasil | Agência 3149-6 | Conta: 4008-8

2. Enviar para o endereço abaixo o comprovante de depósito (Via Fax ou Carta) juntamente com os dados pessoais: nome, instituição, endereço completo, telefone, e-mail.

USP ESALQ / SCIENTIA AGRICOLA

Comissão de Publicações

Av. Pádua Dias, 11 • CP 9 • 13418-900

Piracicaba - SP • Brasil • Tel/Fax: (19) 3429-4401

e-mail: scientia@esalq.usp.br

www.esalq.usp.br/scientia • www.scielo.br/sa